

ENTRE LEITURAS E RELEITURAS DE MUNDO: DIZERES DE UMA ETERNA EDUCANDA DE PAULO FREIRE

Daiane Cenachi Barcelos¹

Querido Freire,

Começo estes escritos cumprimentando-o pela sua imensa contribuição para a educação brasileira, sobretudo para minha formação humana e social. Gratidão! Também, lhe digo que conheci seus dizeres em 2017, quando iniciei a graduação e, a partir de então, me sinto uma eterna educanda freiriana.

Gostaria que estivesse aqui entre nós – não para vivenciar as atrocidades e retrocessos que presenciamos nestes últimos anos – mas, para que você pudesse ecoar sua criticidade política, social e educacional neste país que tanto vem sofrendo. Mostrar àquelas pessoas que distorcem sua tamanha importância do porquê de você ter sido nomeado Patrono da Educação Brasileira.

Eu, uma jovem Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Licena) - UFV, oriunda da zona rural, vista a vida inteira como “condenada da terra” – como você mesmo coloca em “Pedagogia do Oprimido” (2020)² tenho maior orgulho em tê-lo como Patrono. Faço meu papel de gritar aos quatro cantos quem *é você*, Paulo Freire.

Agora, no Mestrado em Educação, traço em minha pesquisa um caminho que perpassa pelos seus dizeres, indo ao encontro de perspectivas emancipatórias adotadas pela Educação do Campo. Desse modo, busco (re)valorizar os saberes dos povos do campo, sobretudo dos(as) colegas da graduação que cursei.

Freire, infelizmente desde 2019 estamos presenciando ações governamentais que desrespeitam a educação, a ciência, a pesquisa e, conseqüentemente, você. Desta forma, estar em uma Universidade Federal é um ato de resistência e de resiliência, sobretudo um ato de amor. Especialmente por estar desenvolvendo uma pesquisa de Mestrado, que tem como foco os saberes populares dos povos do campo, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), de Quilombolas, de Indígenas, de Agricultores(as) Familiares, dentre outros. Falo aqui do amor à educação, como você me ensinou por meio de suas obras. Amor que nutre a profissão que escolhi seguir: a de *educadora*. Se não amo a educação e o ato de aprender ensinando e ensinar aprendendo, não amo o(a) próximo(a) e o mundo.

Ao ler a “*Primeira Carta – Ensinar – Aprender. Leitura do Mundo – Leitura da Palavra*” do livro “*Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*” (2015)³ pude retomar alguns conceitos e pensamentos sobre minha prática formativa e estudantil. Sou uma sobrevivente de uma educação transmissiva e memorística de conteúdos, em que os(as) educandos(as) são considerados como “seres programados para aprender”. Da mesma forma, suas curiosidades

¹Mestranda em Educação/UFV. Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza/UFV. Integrante dos grupos de pesquisa/estudo: Núcleo de pesquisas educação e artes em diferentes espaços (NUPEADE) e Tecnologias, ciências e didiscências (TECIDO). E-mail: daianecbarcelos@gmail.com

²FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

³FREIRE, Paulo. *Primeira carta – Ensinar – Aprender. Leitura do Mundo – Leitura da Palavra*. In: **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, s/p.

e indagações são repreendidas. Somente ao ingressar numa licenciatura, que bebe da fonte da Educação Popular e de seus dizeres, que pude compreender meu processo formativo na educação básica. Era recorrente escutarmos em sala de aula que, se não nos dedicássemos aos estudos, não conseguiríamos nada mais do que “puxar enxada”, assim como nossos pais.

O fato de viver e sobreviver do trabalho campesino não torna as pessoas menores do que as que conseguem acessar o ensino superior. É preciso promover a consciência de que não há saberes errados ou menos importantes, mas há saberes diferentes, que podem se complementar ou se divergir. O modo como esse fato nos era imposto em sala de aula, me causava incômodo e, somente ao ingressar na Licenciatura em Educação do Campo, em 2017, que me foi oportunizado (re)valorizar e reconhecer a importância dos povos que vivem e sobrevivem com as mãos nos cabos de enxada.

Amparada em seus dizeres, Freire, eu superei os paradigmas de desvalorização do campo impostos a mim durante a minha formação na educação básica, alcançando assim, a minha busca do *ser mais*. Toda essa leitura do meu mundo que realizei, me possibilitou compreender minha realidade de modo analítico e crítico, assim como aguçou minha inquietação e curiosidade em descobrir os porquês dos povos do campo – assim como os demais excluídos da sociedade burguesa – sofrerem tantos julgamentos e desrespeito.

No anseio de suprir essas inquietações, debrucei-me em leituras e autores(as) que poderiam contribuir para tal processo. Me encontrando com os dizeres de hooks, no livro “Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade⁴”, especificamente no capítulo em que ela trata sobre a “revolução de valores”, me deparei com uma frase que expressa tudo o que sinto a respeito das opressões que nos são impostas: “está claro que uma das principais razões por que não sofremos uma revolução de valores é que a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação” (2013, p. 44).

Essa revolução de valores – que, para você, seria a superação da opressão – somente será alcançada quando os(as) oprimidos(as) compreenderem que o processo de libertação deverá partir deles(as) e não dos(as) opressores(as). Porém, encontramos-nos emaranhados(as) no *medo da liberdade*. Medo esse que, “nos oprimidos, [...] é o medo de assumi-la. Nos opressores, é o medo de perder a “liberdade” de oprimir” (FREIRE, 2020, p. 45). A superação desse medo nos proporcionará alcançar os *inéditos viáveis*.

Sabe, Freire, precisei superar os medos que me cercam para conseguir dizer a minha palavra. Não tinha a intenção de ser educadora, por acreditar que não seria capaz de conduzir uma sala de aula, mas, ao ler “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia⁵” na graduação, uma vontade misturada com uma necessidade em me tornar educadora frutificou em mim. No primeiro livro, pude me reconhecer e entender quem eu era, da onde vinha e para onde queria ir, enquanto sujeita oprimida numa sociedade, a qual não me identifico.

Já na obra *Pedagogia da Autonomia*, encontrei bases libertadoras e emancipadoras de uma educadora que me agradaria ser. A partir dessas leituras e depois de tantas outras, compreendi o quanto meu papel de educadora do campo, pautada numa base popular e libertadora, contribuiria com a educação brasileira que ainda se encontra amarrada à concepção de educador(a) como o (a) único(a) detentor(a) do saber.

⁴ hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

Quando saímos da caixa, na qual somos influenciados a ficar, percebemos que o mundo é uma infinidade de saberes e que, para que possamos estabelecer diálogos, é preciso nos silenciar. Silenciar, não na concepção de opressão, mas, silenciar no sentido de ouvir o(a) outro(a), pois, somente assim, este(a) conseguirá dizer sua palavra, e juntos(a) poderão traçar caminhos libertadores.

Para mim, Freire, o ponto chave de seus dizeres é o fato de que enquanto educadores(as) devemos ser *humildes* o suficiente para reconhecer e compreender que não sabemos tudo, muito menos que a formação na graduação nos possibilita dizer que aprendemos tudo o que tinha que ser aprendido e o quanto temos a aprender com os(as) educandos(as). Você deixa claro em sua carta que o ato de estudar é constante, se tornando complementar ao ato de ler, e como já dito acima, não ler somente as coisas escritas, mas também, ler e observar o mundo dos(as) que nos cerca, pois, será somente a partir da leitura e do estudo, que se chegará à compreensão e ao conhecimento.

A leitura que fiz desta carta, Freire, me proporcionou inúmeros sentimentos, pois não foram uma ou duas vezes que pensei em desistir de uma leitura por não estar compreendendo o que um(a) o(a) autor(a) ou outro(a) estava querendo passar. E, na carta, encontrei meu refúgio, pois você destaca o quanto esse processo de ir e voltar no trecho várias vezes contribui para uma melhor compreensão e aprendizado, rompendo os paradigmas de memorização.

Na carta, você aponta que o quanto antes for iniciado com os(as) estudantes – ainda crianças – o estímulo e o gosto pela leitura e sua compreensão, menor será o número de pós-graduandos(as) a dizerem que não sabem escrever suas dissertações e suas teses. Respondendo por mim, Freire, se tivesse sido incentivada, desde da educação básica, a ler os textos, não para memorizá-los, mas sim, para compreendê-los, minha formação seria outra.

O processo de ler extensas folhas e não entender a ideia do texto é torturante e agonizante. O sentimento de incapacidade aos poucos começa a fazer morada nos pensamentos e a dúvida de se realmente estou a nível de pós-graduação começa a se tornar repetitivo, e o prazer em estudar que possuo se transforma em um fardo cansativo.

Porém, no decorrer da leitura da sua carta, pude compreender melhor que todo esse processo agonizante é importante para se chegar à compreensão dos textos e o quanto escrever e reescrever é fundamental para nossa formação. A cada leitura bem compreendida, a maturidade acadêmica vai ganhando espaço em nossas vidas, pois como você mesmo aponta na carta, “a leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo” (2015, s/p). No decorrer da compreensão dos textos aguçamos nossas leituras, sejam elas de letras ou de mundo.

Seus escritos acalentam minha mente e tranquilizam meus pensamentos que, por muitas vezes, se encontram em conflito interno, buscando entender os porquês da sociedade, sobretudo, da educação bancária tão presente em nosso cotidiano. Em sua carta, você apresenta duas experiências provenientes dos Círculos de Cultura que oportunizaram aos participantes compreenderem suas realidades de outra forma, pois, imersos(as) e alienados(as) no dia a dia, não percebem para além do que já estão acostumados. Como você mesmo destaca, o processo de distanciamento da realidade, de forma crítica, permite compreendê-la de modo diferente. Isso é magnífico! É empolgante! Por que não podemos utilizar os seus métodos nas salas de aula?

A resposta se torna visível quando tomamos nota de que sua proposta de educação é política, na medida em que busca libertar os(as) oprimidos(as) das situações-limites que os(as) impedem de alcançarem a busca do *ser mais* e os *inéditos viáveis*. Por isso, somos repreendidos ao utilizar suas bases educacionais libertadoras nas salas de aula. A casa grande teme a libertação do povo. A forma como a educação nos é imposta, nesta sociedade em que vivemos, é excludente e opressora, por isso, nos faz preciso lutar pelo acesso à educação de qualidade para todos(as), tanto na educação básica quanto no ensino superior.

Na carta, assim como em outras obras, você fala da importância da criticidade oriunda dos processos educativos para a libertação do povo e de como a leitura de mundo é imprescindível a essas pessoas. Também disserta sobre como as “relações entre consciência e mundo são dialéticas” (2015, s/p). É essa relação que a educação que você, eu e tantos(as) outros(as) defendemos, buscamos superar os paradigmas de educador(a) como detentor(a) do saber, da educação bancária, e sobretudo, buscamos uma educação de qualidade e acessível a todos(as).

Eu sonho com essa “talvez” *utopia*, “talvez” *inédito viável* de escola e de educação. Mas, sei que para isso acontecer é preciso que os processos educativos passem por transformações. Estamos, Freire, falando de uma formação para além da profissional, uma educação que respeite o(a) educando(a), sua trajetória de vida, sua realidade e seus saberes, e que esse conjunto de especificidades possa vir a ser problematizado, para que, assim, o(a) educando(a) se forme criticamente e profissionalmente. Para que possa ler suas próprias palavras, mas também o mundo, buscando transformações e não se deixando levar pelas alienações e discursos de “somos todos(as) iguais”, “estamos todos(as) no mesmo barco”, pois não somos e não estamos nas mesmas condições de vida.

Freire, as páginas que você nos apresenta sobre *Ensinar – Aprender. Leitura do Mundo - Leitura da Palavra* fizeram com que eu me redescobrisse, assim como me fizeram refletir sobre minha formação e prática docente. Como estudante na educação básica, passei por situações que com certeza sufocaram minhas leituras de mundo e, conseqüentemente, não consegui pronunciar minha palavra por muitos anos. O silenciamento – não o silêncio que oportuniza o diálogo, mas aquele que oprime – ao qual fui condicionada influenciou minha caminhada profissional negativamente, pois, quando entrei na graduação precisava me posicionar em público. Assim, o momento que talvez tenha mais sonhado na vida – dizer minha palavra – havia se transformado numa fobia e em uma agonia. Meus pensamentos entraram em conflito, pois ao mesmo tempo que me diziam para tomar coragem e me pronunciar – afinal, estava me formando para ser educadora – me diziam para ficar quieta na minha, pois ninguém me escutaria e eu sofreria ainda mais por isso.

A atitude que julguei mais sensata, nos primeiros anos da graduação, foi a de me esconder atrás das minhas escritas e das leituras de textos, sobretudo, das suas escritas, Freire. A cada obra lida, um novo aprendizado, uma nova reflexão e uma nova concepção de mundo e de educação e foi se produzindo, grande parte por incentivo de alguns(as) educadores(as) da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza que me ajudaram a perceber a necessidade de me libertar das amarras e dos medos que me cercavam, para que assim eu conseguisse dizer minha palavra e minha leitura de mundo.

Em 2021, comecei a lecionar, porém remotamente por causa da pandemia da COVID-19. Uma das experiências mais insanas da minha vida, por estar atuando em três disciplinas: ciências, biologia e física; em nove turmas, tanto do ensino regular – fundamental

II e médio – quanto na educação de jovens e adultos (EJA). O sentimento de educadora “de verdade”, Freire, não habitava em mim, acreditava que estava apenas elaborando materiais didáticos, por não ter o contato nas salas de aulas e desconhecer a maioria dos(as) estudantes. Meu maior questionamento era como realizar um ensino contextualizado, se desconheço meus(as) educandos(as) e conseqüentemente, suas realidades.

No início de 2022, com o retorno das aulas presenciais, pude exercer minha *práxis* educativa. *Práxis*, porque, partindo da *ação-reflexão-ação*, pude me formar educadora do campo, rompendo com os moldes da educação bancária, oportunizando aos(às) meus(as) educandos(as) dizerem suas palavras e leituras de mundo, construindo uma educação contextualizada e que realmente fazia sentido em suas vidas.

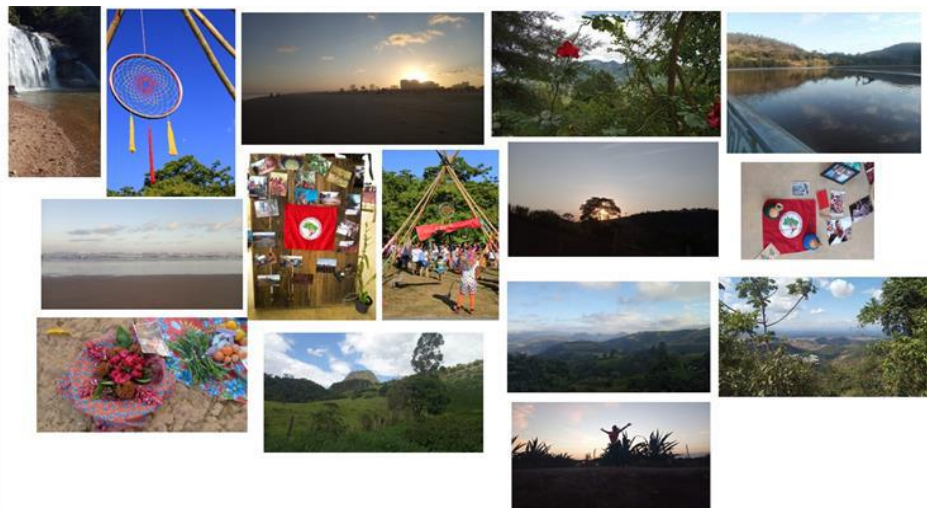
Por causa do mestrado, sai da escola em maio do mesmo ano, mas os meses em que pude dedicar a minha vida à docência me marcaram muito, me permitindo refletir sobre o meu ser de educadora e sobre minha afetividade nas práticas pedagógicas desenvolvidas por mim com estudantes da Educação Básica, com ênfase na área do Ensino de Ciências da Natureza e suas tecnologias. Nesse processo, também me pus a refletir sobre em que precisaria avançar como educadora para fazer valer os princípios e fundamentos aprendidos com você.

Bom, querido Paulo. Apresentei a você esse pequeno relato de minha caminhada como estudante e como educadora para te mostrar sua importância nesse processo. A cada passo e a cada nova reflexão, percebo a necessidade de me tornar uma educadora *humilde*, me reconhecendo como eterna aprendiz e nunca como detentora do saber, tendo a educação como uma *situação gnosiológica*, em que, tanto eu quanto os(as) educandos(as) somos polos aprendentes. Assim como sinto a necessidade de amparar minha prática no *amor*, por crer que esta é uma característica fundamental para prover rupturas frente às atitudes individualistas e egoístas que permeiam a sociedade atualmente. Da mesma forma, se faz preciso a *críticidade* e a *ética*. A primeira, se caracteriza pelo rompimento do lugar de educadora neutra, e da forma como devo me posicionar frente às especificidades de cada escola e dos(as) educandos(as). Já a segunda, diz respeito ao meu comprometimento com a educação e aos saberes dos(as) educandos(as), isto é, não os(as) colocar em uma posição de objeto na sala de aula, mas, permitir que eles(as) se reconheçam como construtores(as) de saberes.

Me autocompreender somente foi possível por meio das vivências que me foram oportunizadas ao longo de minha vida e pelos estudos. Em sua carta, você afirma que “não existe ensinar sem aprender [...] o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende (s/p)”. Assim, entender que o *estudo*, a *leitura* e a *escrita* são uma importante tríade para a construção de uma educação problematizadora e libertadora é um rompimento com os moldes da reprodução, ou seja, é mais fácil reproduzir uma educação tradicional, em que se despeja os conteúdos nos(as) educandos(as) como se fossem vasilhas a serem enchidas. Para você, a educação é permeada de complexidade, sendo preciso sair da zona de conforto e ir além do que nos é imposto. Assim, é somente a partir do estudo, da leitura e da escrita que teremos aportes para desenvolver a *investigação temática* nas salas de aula.

Freire, escolhi responder sua primeira carta do livro citado inicialmente pelo título, pois minha pesquisa do mestrado parte da leitura de mundo dos(as) colaboradores(as). Porém, não imaginava que suas palavras me fariam reviver memórias tão gratificantes. Quando ingressei na Licença foram emergindo novos aprendizados e, como sempre, tive uma alma viajante, me joguei em experiências que me oportunizaram conhecer novas pessoas,

novas realidades, novos conhecimentos. Para tanto, me envolvi em grupos dentro da universidade e, com isso, tive a oportunidade de conhecer em três anos, 24 cidades em 3 Estados – Minas Gerais, Bahia e Sergipe. Como não sabia qual foto escolher para te mostrar um pouco dessas vivências, organizei algumas delas em uma montagem, e tomei a liberdade de lhe apresentar.



Fonte: Fotos registradas pela autora.

Essas fotos, dispostas neste lindo mosaico, representam algumas das *andarilhagens* que citei anteriormente, nas quais pude aprender muito. Rompendo com a ideia de que é somente com a teoria que aprendemos e nos formamos, nestas vivências me deixei levar pelas palavras de mundo das pessoas à minha volta, escutando-os atentamente pude me formar enquanto *educadora*.

Em muitas dessas *andarilhagens*, você foi assunto principal, sobretudo, quando pensamos na Educação do Campo e o quão importantes são seus princípios para a formação de educadores(as) para atuarem com realidades julgadas e apontadas pela sociedade.

Hoje, me sinto privilegiada e contemplada por ter conseguido me formar educadora do campo, amparada em inúmeras leituras de mundo e de escritas. Sinto que correria um grande risco em apenas reproduzir o modelo que tive na educação básica, mas, ao ter uma formação *gnosiológica* e de *andarilhagem*, entendi que a educação problematizadora e libertadora precisa ser feita *com* o povo, partindo de suas necessidades e não da minha imposição enquanto educadora.

Freire, chego ao fim desses dizeres com o sentimento de gratidão por tudo que você tem me proporcionado pensar e viver. Sei que ainda tenho muito a aprender, mas, aos poucos, estou evoluindo nas leituras e nos estudos de suas obras. Muito obrigada por me fazer acreditar e crer nesta educação feita com as pessoas, construída na dialogicidade, na investigação temática e na problematização. Obrigada por me ensinar a dizer minha palavra e, sobretudo, escutar a palavra do(a) outro(a).

Obrigada por me incentivar a ser andarilha e ir em busca de novas situações gnosiológicas. Obrigada por tudo que você deixou para nós. Por ser **Paulo Freire**, um educador preocupado com os(as) esfarrapados(as), com os(as) condenados(as) da terra, com os(as) excluídos(as). Agradeço por sua luta, pois contribuiu para que eu pudesse chegar ao

ensino superior. É por isso que me dedico em minhas pesquisas a defender seu legado e uma educação pública de qualidade a todos(as), para que outros(as) acessem a educação que lhes é de direito.